Universidade Federal de Santa Maria Pró-Reitoria de Graduação Centro de Educação Curso de Graduação a Distância de Educação Especial

DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DA LÍNGUA

3° Semestre

1ªEdição, 2005











Elaboração do Conteúdo

Profa. Márcia Lise Lunardi Profa. Vera Lúcia Marostega

Professora Pesquisadora (Conteudista)

Graciele Marjana Kraemer

Acadêmica Colaboradora

Desenvolvimento das Normas de Redação

Profa. Ana Cláudia Pavão Siluk Profa. Luciana Pellin Mielniczuk (Curso

de Comunicação Social | Jornalismo) Coordenação

Profa. Maria Medianeira Padoin

Professora Pesquisadora Colaboradora

Danúbia Matos

Iuri Lammel Marques

Acadêmicos Colaboradores

Revisão Pedagógica e de Estilo

Profa. Ana Cláudia Pavão Siluk Profa. Cleidi Lovatto Pires

Profa. Cleidi Lovatto Pires

Profa. Eliana da Costa Pereira de Menezes

Profa. Eunice Maria Mussoi

Comissão

Revisão Textual

(Curso de Letras | Português)

Profa. Ceres Helena Ziegler Bevilaqua

Coordenação

Marta Azzolin

Acadêmica Colaboradora

Direitos Autorais

(Direitos Autorais | Núcleo de Inovação e de Transferência Técnológica | UFSM)

Projeto de Ilustração

(Curso de Desenho Industrial | Programação Visual)

Prof. André Krusser Dalmazzo

Coordenação

Vinícius de Sá Menezes

Técnico

Fotografia da Capa

Montagem

Projeto Gráfico, Diagramação e Produção Gráfica

(Curso de Desenho Industrial | Programação Visual)

Prof. Volnei Antonio Matté

Coordenação

Clarissa Felkl Prevedello

Técnica

Bruna Lora

Filipe Borin da Silva

Acadêmcos Colaboradores

Impressão

Gráfica e Editora Pallotti

L961d Lunardi, Márcia Lise

Diferentes representações da língua : 3º semestre / [elaboração do conteúdo profa. Márcia Lise Lunardi, profa. Vera Lúcia Marostega, Graciele Marjana Kraemer ; revisão pedagógica e de estilo profa. Ana Cláudia Pavão Siluk... [et al.]].- 1. ed. - Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Graduação, Centro de Educação, Curso de Graduação a Distância de Educação Especial, 2006.

48 p.: il.; 30 cm.

1. Lingüística 2. Linguagem 3. Língua 5. Cultura I. Siluk, Ana Cláudia Pavão II. Marostega, Vera Lúcia III. Kraemer, Graciele Marjana IV. Universidade Federal de Santa Maria. Curso de Graduação a Distância de Educação Especial. IV. Título.

CDU: 800

Ficha catalográfica elaborada por Maristela Eckhardt CRB-10/737 Biblioteca Central - UFSM

^{*} o texto produzido é de inteira responsabilidade do(s) autor(es).

Presidente da República Federativa do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação

Fernando Haddad

Ministro da Educação

Prof. Ronaldo Mota

Secretário de Educação a Distância

Profa. Cláudia Pereira Dutra

Secretária de Educação Especial

Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Paulo Jorge Sarkis

Reitor

Prof. Clóvis Silva Lima

Vice-Reitor

Prof. Roberto da Luz Júnior

Pró-Reitor de Planejamento

Prof. Hugo Tubal Schmitz Braibante

Pró-Reitor de Graduação

Profa. Maria Medianeira Padoin

Coordenadora de Planejamento Acadêmico e de Educação a Distância

Prof. Alberi Vargas

Pró-Reitor de Administração

Sr. Sérgio Limberger

Diretor do CPD

Profa. Maria Alcione Munhoz

Diretora do Centro de Educação

Prof. João Manoel Espinã Rossés

Diretor do Centro de Ciências Sociais e Humanas

Prof. Edemur Casanova

Diretor do Centro de Artes e Letras

Coordenação da Graduação a Distância em Educação Especial

Prof. José Luiz Padilha Damilano

Coordenador Geral

Profa. Vera Lúcia Marostega

Coordenadora Pedagógica e de Oferta

Profa. Andréa Tonini

Coordenadora dos Pólos e Tutoria

Profa. Vera Lúcia Marostega

Coordenadora da Produção do Material do Curso

Coordenação Acadêmica do Projeto de Produção do Material Didático - Edital MEC/ SEED 001/2004

Profa. Maria Medianeira Padoin

Coordenadora

Odone Denardin

Coordenador/Gestor Financeiro do Projeto

Lígia Motta Reis

Assessora Técnica

Genivaldo Gonçalves Pinto

Apoio Técnico

Prof. Luiz Antônio dos Santos Neto

Coordenador da Equipe Multidisciplinar de Apoio

Sumário

APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA	
UNIDADE A	
LÍNGUA COMO REPRESENTAÇÃO	07
1 e 2. Diferenças entre língua como representação e língua como recurso	
3. Língua como transmissão de conhecimento e constituidora de cultura ———————————————————————————————————	
UNIDADE B	
LÍNGUA COMO EXPRESSÃO CULTURAL	
Linguagem da mídia, corporal e visual/textual	21
UNIDADE C	
ANÁLISES DE LINGUAGENS CULTURAIS	31
Análise de artefatos culturais e Pedagogia Cultural	33
2. Pedagogia da diferença	38
REFERÊNCIAS	
Referências Bibliográficas	43
Sites Relacionados	44

Apresentação da Disciplina

DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DA LÍNGUA

3° Semestre

O contexto social que permeia as relações interpessoais a partir dos sistemas educacional, político e econômico de um repertório social constituído pelo multiculturalismo, encontra-se diretamente atrelado às representações mediadas pela língua. A língua é um recurso que permite a comunicação entre os seres humanos. Entretanto, além da comunicação, a língua está presente na constituição dos sujeitos e dos objetos, na transmissão do conhecimento, nos avanços científicos e tecnológicos.

Ao fundamentar nossos estudos acerca das diferentes representações da língua, é necessário deixar claro que ela é um artefato da constituição cultural e de identidade dos sujeitos. Neste sentido, na primeira unidade desta disciplina, estaremos realizando uma análise mais voltada à perspectiva da língua como representação e como constituinte da cultura dos sujeitos.

Nas unidades posteriores, iremos trabalhar a língua como expressão cultural, neste contexto, está envolvida a linguagem da mídia, a linguagem corporal e a textual/ visual. Por fim, nossa abordagem estará voltada à análise dos artefatos culturais e da pedagogia da diferença como uma pedagogia cultural.

Esta disciplina será desenvolvida com uma carga horária de quarenta e cinco (45) horas/aula.

Entenda os nossos ícones!

0	
Ō	

Alerta

Alerta o leitor sobre algum assunto que está sendo tratado no momento.



Saiba Mais - Recomendação

Indica fontes externas e outras leituras, como livros, sítios na internet, artigos, outros itens da própria apostila, etc.



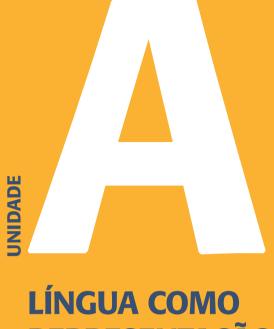
Conteúdos Relacionados

Sugere ao aluno conhecer um ou mais conteúdos específicos para melhor entendimento do conteúdo atual.



Atividades

As atividades dizem respeito aos exercícios abordados no tópico anterior, podem ser analógicas ou digitais.



REPRESENTAÇÃO

Objetivos da Unidade:

Ao final desta unidade, esperamos que você seja capaz de:

- contextualizar a compreensão da diferença entre língua como representação e a língua como recurso;
- discutir a concepção de língua como processo de transmissão do conhecimento;
- analisar a língua a partir da constituição de cultura.

Introdução

Destacamos que a metodologia utilizada no decorrer desta disciplina unifica todas as subunidades, pois entendemos que, a partir de uma leitura contínua em cada unidade, estaremos possibilitando também uma compreensão mais ampla das discussões aqui travadas e que estão entrelaçadas. Sendo estas, pertinentes no contexto da diferença e do multiculturalismo.

Nesta unidade, abordaremos a língua a partir da perspectiva pós- estruturalista, contextualizando-a na diferença entre língua como representação e língua como recurso, compreendendo que ela passa a ser constitutiva da realidade, dos sujeitos e objetos. A perspectiva desenvolvida nesta unidade está embasada nos Estudos Culturais.

1, 2 e 3

Diferenças da Língua: Representação, Recurso, Conhecimento e Cultura

O estudo acerca das representações da linguagem requer, nas perspectivas atuais, uma ênfase clara e possibilitadora da compreensão de modalidades diferentes na utilização da linguagem, partindo do entendimento de que a língua pode simultaneamente ser um processo de representação, como também de constituição dos sujeitos.

No campo dos estudos sobre a linguagem, estão envolvidas diversas áreas do saber, pois sabemos que desde a Antigüidade se desenvolvem pesquisas que remetem a questões e aspectos substanciais sobre esta área. Sabemos, portanto, que a linguagem não é somente utilizada pelos homens, mas também pelos animais e pela natureza em geral. Os estudos e pesquisas desenvolvidas na Lingüística e na Psicologia evidenciam a busca de uma compreensão mais ampla do homem, de seus mecanismos cerebrais, seu desenvolvimento, suas atitudes, enfim de sua vida individual e social, pois, a linguagem é um componente essencial na constituição e no desenvolvimento do ser humano. Nesse sentido, destacamos que não estamos nos referindo exclusivamente à língua oral, mas a toda e qualquer forma de linguagem.

Ao realizar uma análise acerca da linguagem é preciso tomarmos por referência a filosofia, a história, as artes, as ciências, pois áreas que se utilizam da linguagem para descreverem seus estudos e pesquisas. Assim, uma poesia, uma crônica, a leitura (codificação e decodificação) do DNA (ácido desoxirribonucléico), uma fotografia, um desenho, são linguagens que permitem a instituição do conhecimento entre o objeto ao qual estamos investigando e a sua posterior descrição.

Diante dessa perspectiva, o que você considera por linguagem? Existe uma relação entre o pensamento e a linguagem? Será que a contribuição da linguagem ocorre somente para a comunicação entre os indivíduos? E os animais? Seria a comunicação oral a única forma de linguagem? Qual seria o papel da linguagem na constituição dos sujeitos?

A partir destas questões é que se torna necessário compreender, no contexto da Lingüística, os principais enfoques necessários ao nosso conhecimento, tendo em vista que nossa pretensão é perceber a linguagem como um processo de constituição dos sujeitos, a partir da perspectiva abordada pela filosofia pósestruturalista. Nesse sentido, a grande maioria

Perspectiva Pósestruturalista

O Pós-estruturalismo pode ser caracterizado como um modo de pensamento, um estilo de filosofar e uma forma de escrita, embora o termo não deva ser utilizado para dar qualquer idéia de homogeneidade, singularidade ou unidade. De forma mais geral, podemos dizer que o termo é um rótulo utilizado na comunidade acadêmica de língua inglesa para descrever uma resposta distintivamente filosófica ao estruturalismo que caracterizava os trabalhos de Claude Lévi-Strauss (antropologia), Louis Althusser (marxismo), Jacques Lacan (psicanálise) e Ronald Barthes (literatura) (PETERS, 2000, p. 28).

dos mecanismos que abrangem o pensamento e as relações dos indivíduos mantém uma conexão com os processos que envolvem os mecanismos lingüísticos.

Os princípios necessários às investigações com relação às diferentes representações da linguagem configuram-se na compreensão da diferença entre língua e linguagem. Segundo Fernandes, na concepção da linguagem:

Podemos nos referir a qualquer meio de comunicação, como a linguagem corporal, as expressões faciais, a maneira de nos vestirmos, as reações do nosso organismo (tanto aos estímulos do meio, como de nosso pensamento ou, mesmo dos aspectos fisiológicos) ou a linguagem de outros animais, os sinais de trânsito, a música, a pintura, enfim, todos os meios de comunicação, sejam cognitivos (internos), sociais (relativos ao meio) ou da natureza, como um todo (2003, p.16).

Por outro lado, a autora destaca que, o conceito de língua toma um aspecto mais restrito, ou seja, a língua deve ser percebida como um tipo de linguagem, na qual partimos da definição de "um sistema abstrato de regras gramaticais" (FERNANDES, 2003, p.16). Isso quer dizer que o conceito de língua está ligado a um conjunto de regras gramaticais que

identificam sua estrutura nos seus diversos planos (dos sons, da estrutura, da formação e das classes de palavras, das estruturas frasais, da semântica, da contextualização e do uso).

A relevância no entendimento sobre a diferença entre língua e linguagem parte da conotação que atribuímos aos meios pelos quais interpretamos os textos que manuseamos, no sentido que damos às nossas investigações, pesquisas que, em grande parte dos casos, utilizam-se de diferentes concepções sobre a linguagem como sendo sinônimo de língua.

Neste sentido, ao direcionarmos nossa análise ao campo das diferentes representações da linguagem, é fundamental a compreensão da diferença entre língua e linguagem, como também a percepção de que a língua é uma forma de linguagem. Porém não podemos esquecer que a linguagem não pode ser considerada como um tipo de língua, pois ela contém um conceito mais amplo. Ainda nessa mesma linha, é necessário compreender que as línguas podem ser orais-auditivas, ou espaçovisuais (utilizadas geralmente pelos surdos).



Figura A.1: Surdos falando em Língua de Sinais, ouvintes falando a Língua Portuguesa

O conceito de signo é a ferramenta essencial para desenvolver estudos que envolvem a concepção acerca da linguagem como processo de significação. Saussure (1975), em suas concepções, deixa claro que o sujeito não é em qualquer das hipóteses o autor/responsável pelas afirmações que faz, ou então, pelo significado que expressa na língua. O mesmo autor afirma que a língua deve ser compreendida como um sistema social e não individual, e que portanto, os significados que produzimos a partir da língua somente passam a ter sentido quando fazem parte das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura.

É necessário que cada sujeito passe a compreender que as palavras partem de uma relação dialógica nos mais variados contextos. Por exemplo, nós somente sabemos o significado de "escuro" porque conhecemos o "claro", ou seja, este significado surge a partir da similaridade e da diferença entre as palavras no interior do código lingüístico. Segundo Derrida (apud. HALL, 2005, p. 41), "apesar de seus melhores esforços, o/a falante individual não pode, nunca, fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado de sua identidade".

Visto através desta perspectiva, percebemos que as palavras percorrem contextos variados,

são moduladas de várias formas, sendo que elas jamais trazem um único significado. Para o autor referido no parágrafo anterior

(...) tudo o que dizemos tem um 'antes' e um 'depois' - uma 'margem' na qual, outras pessoas podem escrever. O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença) (ibid, p. 41).

No que concerne à representação, é fundamental compreender que ela é um sistema de significação, o que vem a embasar a análise de que a representação ocorre na relação entre significado e significante. Neste sentido, as "coisas" passam a ter uma significação quando lhes são atribuídos determinados significados. Para que possamos compreender melhor esta análise, partimos do significado "flor", que tem o seu significante expresso nas letras que formam esta palavra, ou então, num desenho ou fotografia. No entanto, seu significado pode abranger várias interpretações, como por exemplo, a parte da planta que forma o órgão reprodutor, ou então, referindo-se à pessoa ou coisa bela, "à flor da pele", na superfície da pele. Assim, "os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar" (WOODWARD, 2000, p. 17).



Para complementar seus estudos e possibilitar uma compreensão maior da abordagem de Saussure, retome seu caderno didático da disciplina de Língua, Cultura e Identidade e leia a Unidade A em que ocorrem as discussões acerca da abordagem do autor.



Para saber mais sobre a vida e a obra de Jaques Derrida, acesse os seguintes sites: http://www.comciencia.br/resenhas/2004/09/resenha1.htm http://www.espaco academico.com.br/ 043/43damasio.htm http://www.scielo.php?script=sci_arttext&pid=\$0100-512X200400020 0007&lng=en&nrm=iso



Para uma complementação de seus estudos e abrangendo as perspectivas acerca da representação, leia o capítulo "A produção social da identidade e da Diferenca" do livro "Identidade e Diferenca a perspectiva dos Estudos Culturais" organizado por Tomaz Tadeu da Silva, 2000, disponível no acervo da biblioteca de seu



Figura A.2: Diferentes representações em diferentes contextos

Mediante esta referência, nos encaminhamos para uma contextualização que visa deixar claro que a representação, como um processo de significação, é essencialmente social. Na teoria desenvolvida por Saussure, fica evidente que não existe uma relação intrínseca, "natural" entre o significante e o significado, o vínculo entre eles é sempre uma construção social, pois "os signos são o que são e significam o que significam porque nós o fizemos assim" (SILVA, 1999, p. 37).

Neste sentido, é necessário compreender que a linguagem constitui o sujeito e não existe nada fora do texto. Na abordagem desenvolvida por Foucault (apud COSTA, 2000, p. 77):

> As narrativas constituem o aparato de conhecimentos/ saberes produzidos pela modernidade com a finalidade de tornar administráveis os objetos sobre os quais falam. Conhecer o que deve ser governado é parte da estratégia que permite a regulação e o controle dos indivíduos e das populações que habitam os núcleos urbanos das sociedades organizadas.

A pretensão de Foucault, ao analisar as

relações entre os discursos e a sociedade, é justamente a de questionar estas interfaces entre os discursos e as relações de poder, sendo que, a partir daí, ele desenvolve a noção de verdade ou realidade, como algo produzido entremeio aos jogos de poder. É nesta ótica que ele pretende deixar claro que a linguagem constitui o pensamento dos indivíduos e do sentido que passam a dar as coisas e ao mundo.

Ao tomar a linguagem como um processo de representação, pretendemos desenvolver a noção de que o sujeito, ao nascer, já se encontra imerso num mundo que é de linguagem, ou seja, os discursos já estão imbricados nas relações sociais e a partir daí passamos a nos tornar derivados desses discursos. É mediante a compreensão de que os discursos acabam sistematicamente formando os objetos dos quais falam, que passamos a deixar claro que eles moldam as maneiras de constituir o mundo, de compreendê-lo e, principalmente, de falar sobre ele.



Para ampliar seu conhecimento sobre as relações entre discurso, sociedade, representação e poder, leia o capitulo "O currículo como representação", do livro "O Currículo como fetiche a poética e a política do texto curricular" de Tomaz Tadeu da Silva, 1999. disponível no acervo da biblioteca de seu pólo.



Figura A.3: Constituição de identidade do sujeito católico

A linguagem está muito além de ser um recurso para as relações interpessoais. Quando, por exemplo, nos enquadramos aos horários de ônibus, ou nos baseamos num mapa, passamos a nos servir de um enunciado, pois este é tomado como a manifestação de um saber que é aceito, repetido e transmitido. Os enunciados, dentro dos discursos, demarcam um regime de verdade.

Por outro lado, se analisarmos a linguagem como processo de representação a partir dos Estudos Culturais, é necessário compreendê-la como uma prática de significação e de sistemas simbólicos em que são produzidos os significados que nos posicionam como sujeitos. Através da compreensão sobre os processos de representação, é que entendemos que o Outro passa a ser constituído por meio desse jogo.

Estudos Culturais é

um campo de estudo surgido na década de sessenta, na Grã-Bretanha, cuja institucionalização ocorre, inicialmente, no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham. A questão central dos Estudos Culturais são as transformações na concepção de cultura, talvez sua realização mais importante provavelmente seja a de celebrar o fim de um elitismo edificando distinções arbitrárias de cultura (COSTA, 2000, p. 13).

Para Skliar (2003, p. 67), na representação:

Existe um olhar que parte da mesmidade. O outro que se inicia no outro, na expressividade de seu rosto. Talvez esta distinção seja uma forma para poder olhar entre aquelas representações, aquelas imagens que tomam como ponto de partida e como ponto de chegada o eu mesmo, o mesmo - o semidouro, o refúgio do próprio corpo e do mesmo olhar - e aquelas que começam no outro e se submetem a seu mistério, seu distanciamento, sua rebeldia, sua expressividade, sua irredutibilidade. Uma imagem do mesmo que tudo alcança, captura, nomeia a torna próprio, outra imagem que retorna e nos interroga, nos comove, nos desnuda, nos deixa sem nome.

Nesse sentido, o autor nos defronta com a alteridade que, em sua concepção, seria fruto de um duplo processo de construção e de exclusão social que se encontra unida através do sistema de representação. Para que possamos ampliar nosso conhecimento sobre este discurso, é necessário construir uma leitura significativa acerca da linguagem como um recurso para o processo de representação, visto que, nas interfaces sociais, ela passa a produzir as "coisas" a que se remete envolvendo-se num amplo sistema de poder.

Certamente, linguagem, representação e poder não podem ser separados ou distinguidos, muito pelo contrário. Entre eles existe uma ampla tendência pela aproximação e pela fusão, passando assim, a ocupar praticamente toda a textualidade dos espaços.

Entendendo que a língua passou a ser compreendida como um processo de constituição dos sujeitos pela representação, pretendemos contextualizar esta concepção num campo mais amplo, que envolve a transmissão do conhecimento.

A sociedade em que estamos inseridos parte de um conjunto de conhecimentos que se tornaram significativos para o desenvolvimento de um aporte tecnológico, servindo de base para a construção de um processo de desenvolvimento social, científico e econômico, que permite ao ser humano presenciar um sistema complexo de interações culturais. Para explanar melhor esta idéia, citamos, por exemplo, a linguagem utilizada na comunicação on-line, ou seja, na Internet. Este meio possibilita que sujeitos de diferentes espaços sociais, econômicos, políticos e culturais interajam instantaneamente, detenham informações acerca da economia, do mercado financeiro, de lugares turísticos, da culinária regional, ou de vários outros aspectos. É neste meio que a sociedade se desenvolve, ou seja, através da linguagem é que se torna possível aos seres humanos atingir determinados conhecimentos, conceber as diferentes realidades sociais e perceber as configurações espaço-temporais preconizadas pelas relações sociais.



Figura A.4: O mundo da globalização

Por outro lado, à medida que vivemos numa sociedade que permite ser classificada como



Para rever questões relacionadas à língua, cultura e identidade, retome seu caderno didático da disciplina Língua, Cultura e Identidade e leia as Unidades B e C. Nelas você encontrará subsídio teórico que permitirá uma compreensão mais ampla desta unidade.

"globalizada", onde as comunicações são instantâneas e configuradas por constantes relações de poder, averiguamos também que existe um sistema unificador de identidades locais. Contextualizando esta perspectiva a partir dos Estudos Culturais, destacamos que a cultura deve ser compreendida como o modo de vida global de uma sociedade, ou seja, como a experiência de qualquer agrupamento humano. Entretanto, o que vem a ser entendido como um modo de vida global? Qual a relação entre a linguagem e a cultura? Que aportes teóricos permitem analisar a linguagem como um sistema de representação? Que relação existe entre a representação e a cultura?

Analisar a linguagem como um sistema de representação requer que estejamos atentos a vários pontos propostos pelos Estudos Culturais, ou seja, na análise da mídia, da sexualidade, das diferentes etnias, dos contextos de desenvolvimento social, das sociedades desenvolvidas, da subjetividade, representação, cultura, identidade, alteridade, significação e discurso. Dessa forma, é preciso entender que a cultura é um dispositivo de luta para a significação social, Silva (1999, p.133) destaca que:

A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados a sociedade mais ampla. A cultura é, nessa concepção, um campo contestado de significação. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição da identidade cultural e social de diferentes grupos. A cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ser, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser.

É mediante esta concepção acerca da cultura que pretendemos compreender a representação a partir de um sistema de significação, ou seja, na relação entre significado e significante. Esta abordagem, como já apontada anteriormente, parte da concepção Estruturalista da lingüística, tendo Saussure como representante e que remete à significação como um processo fundamentalmente social. Sendo assim, "não existe nenhuma relação intrínseca, 'natural', entre significante e significado: um significante determinado deve sua forma e sua conexão com um determinado significado exclusivamente à convenção social" (SILVA, 1999, p. 36).

Estabelecendo uma conexão com esta abordagem, encontramos em Foucault outro suporte para a análise da linguagem como um processo de significação, ou seja, um aporte cultural. Foucault (1996) entende a linguagem como constitutiva de nosso pensamento, ou seja, é através da linguagem que os sujeitos passam a dar sentido às coisas, às vivências e ao contexto social em que estamos inseridos. Nessa mesma lógica, o referido autor destaca que "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar" (1996, p.10).

A percepção de que a linguagem permite aos seres humanos um sistema de interação simultânea e de que é através dela que se constituem as identidades dos diferentes grupos culturais deve ser tomada como uma viga mestra na abordagem que vem sendo desenvolvida no decorrer desta disciplina. Para compreender melhor esta concepção, é necessário deixar de perceber a linguagem como um simples sistema de comunicação, e sim analisá-la como produtora de identidades e culturas, visto que a prática de representação é desencadeada pela prática de significação, ou



Para ampliar seu conhecimento acerca da representação e da cultura no contexto de uma sociedade de globalização, retome seu material da disciplina Língua, Cultura e Identidade, ou leia as seguintes obras disponíveis no acervo do Pólo: SILVA, Tomaz Tadeu da. O Currículo como Fetiche a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Documentos de Identidade uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Você Sabia?

Para aumentar mais seus conhecimentos acerca da cultura, da demarcação de traços culturais, sugerimos, na medida do possível, assistir aos seguintes filmes: Amistad Honra e Liberdade Ambos trazem lutas culturais e também relações de poder. seja, é na linguagem que se desencadeiam processos de identificação ou de diferença. Podemos tomar por exemplo, as narrativas desenvolvidas nas telenovelas, nos anúncios publicitários e a linguagem da mídia capitalista que investe de forma acirrada no papel de influenciar a população ao consumo de suas marcas e estilos.

Esta abordagem pode ser relacionada ainda com a construção de novas identidades como, por exemplo, de "uma nova mulher", mais arrojada, a mulher do século XXI. Essa imagem a ser a referência para outras mulheres que são influenciadas e se constituem com este referencial. Assim podemos perceber que a linguagem produzida na mídia nos coloca na posição de sujeito deste contexto social.



Figura A.5: Padronização dos sujeitos

É mediante os artefatos tecnológicos (mídia, Internet, e outras), que a sociedade estabelece através da linguagem os padrões culturais. As relações de poder que se estabelecem nesse

meio proporcionam aos sujeitos suas diferentes posições num contexto sócio-cultural. Os diferentes grupos culturais passam a serem definidos pelas relações de poder, produzidas através da linguagem assim, se estabelece que os negros, por serem sujeitos de cor diferente, devem ser considerados como seres inferiores, pois suas possibilidades de acesso à tecnologia, comunicação são mais restritas; os ciganos são narrados como sujeitos sujos, alcoólatras, promíscuos; aos surdos são estabelecidos estereótipos como a desconfiança, a incapacidade mental, a inferioridade de sua língua em relação à língua oral. São estas e outras concepções que permitem que possamos nos ater na contextualização da língua como um processo de constituição cultural, visto que os discursos que permitem a produção de uma representação cultural dos diferentes grupos estão intimamente relacionados às relações de poder.

A linguagem surge entre um dos aspectos mais polêmicos da perspectiva pós-estruturalista pois, nesta abordagem ela é tomada como uma centralidade. A partir de afirmações como "não há nada fora do texto", de Derrida, (apud COSTA, p. 55, 2000) então, de que o sujeito passa a ser constituído pela linguagem apontam para o poder dos discursos na constituição das formas de pensamento moderno. Nessa contextualização, é necessário perceber a importância da narrativa na abordagem desenvolvida por Foucault, "as narrativas constituem o aparato de conhecimentos/ saberes produzidos pela modernidade com a finalidade de tornar administráveis os objetos sobre os quais falam" (apud COSTA, p. 77, 2000).

Nessa contextualização, nossa pretensão está centrada na compreensão de quem tem o poder de narrar o outro, ou seja, os outros grupos culturais é que tem também o poder de definir a estratégia do jogo da representação cultural. Portanto, muito mais que um artefato de transmissão de conhecimento, a língua produz a realidade, os sujeitos e objetos dos quais fala. A abordagem sobre mídia e linguagem será desenvolvida na unidade B deste caderno





Para aprofundar seu conhecimento acerca dessa perspectiva pósestruturalista desenvolvida nos Estudos Culturais, leia a seguinte obra, disponível no acervo bibliográfico de seu Pólo: COSTA, Marisa Vorraber. (org). Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema..- Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.



Figura A.6: Representação de determinado grupo cultural pela mídia

Ø ∅ Ø Atividade Final

Conforme vimos nessa unidade, as noções de representação, linguagem e discurso se articulam. Pensando nesse entrelaçamento, produza um texto em que essas noções podem ser evidenciadas. Disponibilize o material no ambiente virtual, conforme orientações do professor.



LÍNGUA COMO EXPRESSÃO CULTURAL

Objetivos da Unidade:

Ao final desta unidade, esperamos que você seja capaz de:

- analisar as diferentes linguagens da mídia, compreendendo as representações que ela produz;
- compreender a linguagem corporal como forma de comunicação;
- problematizar a linguagem visual/textual como sistema de produção de identidades.

Introdução

No decorrer desta unidade, analisaremos como a língua vem sendo usada pelos diferentes artefatos culturais. Nesse sentido, vamos ressaltar as diversas formas como a língua se apresenta para produzir representações acerca dos sujeitos em todas as dimensões da vida

social. Nesta unidade, estaremos seguindo a mesma metodologia abordada na unidade anterior, sem ruptura no decorrer do texto, pois destacamos a articulação dos assuntos permitindo uma leitura contínua e mais abrangente.

Linguagem da mídia, corporal e visual/textual

Vivemos num tempo de avanço tecnológico e importantes transformações culturais, os quais assumem um papel central na organização da sociedade. A civilização ocidental vivencia aquilo que Hall (2005) chama de "revolução cultural", ou seja, uma expansão nas formas de produção, de circulação e trocas culturais. Nesse processo, a mídia vem assumindo um papel relevante junto às demais formas de dinamização e expansão da cultura.

Segundo Fabris (2000, p. 257):

O que temos agora, através da mídia e das novas tecnologias, é um processo globalizante onde nossos mundos se interconectam, se cruzam e o que se produz no mundo todo em termos de mercadoria e informações está ao nosso alcance, e se torna difícil saber o que é próprio de um lugar, de um povo, de uma cultura.

Nesse sentido, percebe-se que cada vez mais a noção de distância vem sendo re-significada, pois o que ocorre em um lugar poderá estar ocorrendo em qualquer parte, ou seja, o local não tem mais uma identidade que não esteja relacionada com o global. Não há como determinar a origem dos nossos conhecimentos e de nossas culturas como idealizou o modernismo no sentido de nos sentirmos autônomos, únicos e essenciais.

As características que nos produzem se fragmentam, somos seres híbridos constituídos por múltiplas identidades. Essas complexas mudanças sociais colocam em cheque as formas tradicionais como a família, a igreja, a escola, interferem nos processos de subjetivação dos sujeitos. Uma das instituições que provoca tudo isso é a mídia, ou seja, a própria mídia re-significa a família, a escola, a igreja. Não podemos mais analisar as questões sociais sem nos debruçarmos sobre a forma como essas transformações culturais vêm interferindo no processo de construção das identidades sociais.

Estamos sempre em processo de formação cultural. Para Hall (2005, p. 44), "a cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar". Para esse autor as identidades concebidas como estabelecidas e estáveis estão desaparecendo e dando espaços para outras formas de produção de identidade. Nesse sentido, percebemos que a cultura é uma produção vista como um campo e terreno de luta. Segundo Moreira e Silva (2002, p. 27), "a cultura é o terreno em que se enfrentam diferentes e conflitantes concepções de vida social, é aquilo pelo qual se luta e não aquilo que recebemos".

Modernismo: "pode ser visto, na filosofia, como um movimento baseado na crença no avanço do conhecimento, desenvolvido a partir da experiência e do método científico" (PETERS, 2000, p.13).



Figura B.1: Noção de cultura como algo conquistado no movimento político

Artefato cultural: é a forma como o objeto a ser analisado pelo campo dos Estudos Culturais é significado, ou seja, como o resultado de um processo de construção social (SILVA, 1999, p. 134).

Nesse sentido, não podemos separar a noção de cultura da noção de grupo e classes sociais, pois ela é o espaço em que se dá a luta pela manutenção ou superação das divisões sociais. Talvez seja por isso, por exemplo, que podemos falar de uma cultura surda. É no interior desse espaço que os sujeitos surdos passam a se identificar como sujeitos culturais, pois as identidades surdas são construídas dentro das

representações possíveis da cultura surda, elas se moldam de acordo com a maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito.

Entre as diferentes mídias que circulam nos espaços da nossa sociedade apresentaremos algumas delas, com objetivo de analisarmos como esses artefatos culturais produzem representações acerca do sujeito.

Uma das mídias que podemos trazer como exemplo é o cinema. Podemos perceber isso quando observamos como os filmes produzem significados entendendo que, nesse processo, eles criam certas realidades, instituem verdades e marcam posições. Nesse sentido, estamos enfatizando o quanto à mídia ocupa um espaço na subjetivação do sujeito.

Pensando que os filmes produzem significados, podemos associá-los ao campo da representação, pois a representação é um sistema de significação. Segundo Silva (1999, p. 35), "na representação está envolvida uma relação entre um significado (conceito, idéia) e um significante (uma inscrição, uma marca material: som, letra, imagem, sinais manuais)".



Figura B.2: Significado (conceito) e o significante (marca)

Para ilustrar a idéia de que a mídia, neste caso o cinema, ocupa um papel central no processo de construção da subjetividade, nos reportaremos ao filme "Filhos do Silêncio". Através desse filme podemos perceber a forma como os sujeitos surdos são representados e que significados são construídos sobre eles nessa história. Ao analisar esse filme, Thoma (2004, p. 59) coloca que:

As marcas da normalidade e o discurso médicoterapêutico são constituidores do sujeito surdo como patológico, doente como um sujeito a recuperar. Leeds, o professor de treinamento da fala, domina a língua de sinais, mas para ele, a língua de sinais é vista como uma possibilidade de mediação dos surdos com a oralidade e não com a produção cultural legítima.

Se fossemos fazer uma análise a partir da idéia de que a representação da surdez é construída pelo olhar do ouvinte, percebemos a ênfase na língua falada, pois essa se constitui como o ícone da normalização. Sabemos que uma sociedade normal é aquela em que seus membros falam bem, escrevem bem, enxergam bem, ou seja, num padrão ideal de sujeito. Nesse sentido, a surdez representada como uma "anormalidade" afasta-se daquela noção almejada pela comunidade surda, ou seja, surdez enquanto uma identidade cultural, experiência visual e diferença política.

Fazer esse exercício nos permite pensar em como os produtos culturais, no caso a mídia, investem na produção de subjetividades por meio de representações produzidas por esses filmes. O cinema enquanto um espaço cultural possui o poder de criar narrativas com o sentido de universalidade, pois muitas das histórias apresentadas se instituem como verdades.



"Filhos do Silêncio" é um filme em que a história se desenrola a partir do envolvimento entre um professor ouvinte e uma ex-aluna surda, mostrando como o amor é capaz de unilos, embora ao final os dois personagens se questionem sobre uma possível vida em comum durável. A diretora do filme Randa Hainef fala sobre a ligação e comunicação entre os surdos e ouvintes, mas enfatiza o sujeito surdo que quer ser aceito como é, com sua identidade, diferenca e alteridade (THOMA, 2004).

Você Sabia?

Se você quiser conhecer um pouco mais sobre a história desse filme procure em uma locadora por: "Filhos do Silêncio" (Children of a Lesser God). Direção de Randa Hainef. USA: Paramount Pictures Corporation, 1986. 1 filme (118 min). Son., col.



Abordando vários artigos a respeito da cultura, da produção social da identidade dos sujeitos, do multiculturalismo e Estudos Culturais, está o seguinte endereco eletrônico: http://www.ufrgs.br/ neccso Nele você poderá solicitar a ferramenta Downloads de artigos que abordam estas problematizações.

Nessa direção, poderíamos dizer que a mídia ocupa um espaço pedagógico em nossa cultura. Segundo Fabris (2000, p. 261) "ela ensina, controla, governa, exercendo, assim, o poder de subjetivação e objetivação do sujeito".

Outros exemplos que podemos destacar nessa mesma linha são os filmes produzidos por Hollywood que falam de jovens e estudantes. Esses filmes, além de apresentar em suas histórias uma linguagem própria do adolescente, apelam para a música, as roupas, os desejos, os sonhos e as ilusões. Com essas representações de estudantes e adolescentes, os filmes de Hollywood produzem significados sobre o que é ser adolescente, e mais, o que é ser um estudante adolescente. Hollywood, ao produzir histórias sobre jovens que frequentam as escolas, sugere certos padrões de vida para eles, impõe sentidos e cria narrativas sobre os adolescentes, narrativas essas que produzem efeitos, não apenas na produção de subjetividades adolescentes, mas também nos mais diferentes sujeitos sociais, os significados que produz são múltiplos e diferenciados (FABRIS, 2000).



Figura B.3: Adolescentes com estilos inspirados na mídia

Diante do exposto, poderíamos identificar essas questões na mídia brasileira? Dentro da atual programação da TV nacional existem programas que poderiam estar instituindo representações acerca de como ser jovem no contexto brasileiro? Será que diante desses contextos não estaríamos instituindo um jeito normal de ser adolescente? O que é ser jovem hoje? Se tomarmos os programas e revistas voltadas para o público jovem, perceberemos que as representações são diferentes e se modificam a partir dos diferentes contextos históricos. Por exemplo, na década de 60, o símbolo da juventude era o movimento hippie marcado pelo ideal da liberdade, da liberdade sexual (a popularização do uso da pílula anticoncepcional), posições política antiautoritaria, etc. Já tivemos o tempo em que ser adolescente era transgredir as regras sociais entre elas, as familiares, como também ser adeptos a atitudes politicamente corretas: adolescentes engajados nos movimentos sociais, nas ONGs (Organizações não Governamentais) e serviços de voluntariados.

Portanto, percebemos que as diferentes formas de ser adolescente são frutos dessas representações. Elas são produzidas pelos discursos que circulam na sociedade, sendo que a mídia é um dos veículos que divulga essas formas de ser e agir.

Essas representações não são visíveis somente no cinema, nas propagandas publicitárias. Sejam elas impressas ou televisionadas percebemos narrativas que se encarregam de produzir sentidos e significados.

O discurso publicitário pode se dar de diferentes formas, seja através de uma propagada com o objetivo de vender um produto seja através de um informe publicitário ou com a finalidade de informar.



Figura B.4: Informe publicitário

As imagens que observamos diariamente são formadas por signos, que envolvem mais de um significado. Assim, quando nos deparamos com uma imagem não nos identificamos apenas com o produto que está à venda, mas com os referentes que já fazem parte de nossa vida cotidiana, entendendo que eles são construídos historicamente e por meio das relações de poder. Segundo Sabat (2001,

p. 67), "os signos hegemônicos são aqueles que, no campo da cultura, conseguem ser impostos". Muitos podem ser os exemplos disso que estamos falando. As questões de sensibilidade e delicadeza, por exemplo, são atribuídas ao gênero feminino, enquanto a força e determinação como características masculinas.



Figura B.5: Representação do feminino em anúncios publicitários

Assim, os consumidores e leitores, ao selecionar as imagens, escolher as cores, os sons e os signos lingüísticos de um anúncio publicitário aprendem os significados dos produtos que estão à venda.

Com isso, queremos alertar para o fato de que toda construção de significados se dá por meio do processo de representação, que muito mais do que refletir o que se vê, a representação é produto da linguagem e por isso carrega os valores de quem está representando. É nesse contexto, que a propaganda não se limita a vender produtos. Segundo Sabat (2001, p. 67) "através dela são vendidos valores, tipos de comportamentos, subjetividades ligados a estilos de vida determinados". A partir dessa noção é que podemos inscrever a dimensão pedagógica da publicidade.



Figura B.6: A mídia como pedagogia

Nesse sentido, a mídia e as imagens que são veiculadas por ela podem ser vistas como uma forma de aprendizagem. Isso incide, em voltarmos nossos olhares para as diferentes matérias e reportagens publicadas nos diferentes tipos de mídia como processos construídos social e historicamente, portanto, passíveis de questionamento. Percebendo a contingência histórica de construção desse processo, podemos entender que uma discussão que envolva mídia e educação pode ir além de uma inovação pedagógica, em que

esse artefato aparece simplesmente como um recurso didático dentro da sala de aula, por exemplo, a utilização do jornal no contexto pedagógico. Ao contrário disso, o que nos interessa é problematizar a forma como a mídia (imprensa escrita e falada), vem operando como uma construtora do currículo escolar, da forma de ser estudante, da disciplina e de tantos outros temas que envolvem o campo da educação.

Trazer a questão da mídia para o campo da educação nos permite entender a pedagogia como algo que borra a fronteira dos espaços escolares. Isso significa que, ao lermos uma revista, ao assistirmos a um filme, ao acompanharmos uma novela, estamos

aprendendo coisas, estamos envolvidos em uma rede de discursos que nos interpelam, que nos conformam e nos subjetivam. É no centro desse conflito, que estão as políticas de identidade, a luta de diferentes grupos pelo direito de se representar e não de ser representado pelo outro.

Segundo Schmidt (2001, p. 64), "os artefatos da cultura, como a televisão ou os jornais, praticam pedagogias, nos ensinam coisas, nos contam histórias, nos dizem como as coisas são, como as coisas não são, como as coisas devem ser". Assim, na perspectiva dos Estudos Culturais, tais artefatos contém uma pedagogia, um currículo cultural que produzem significados novos e/ou reafirmam outros tantos.



Figura B.7: Normalização das diferenças

Portanto, uma pedagogia que centre sua preocupação na construção de um discurso crítico sobre a mídia, o qual possibilite a discussão das políticas de identidade e políticas de representação, articuladas nas diferentes instâncias culturais necessita, em primeiro lugar, reconhecer que esses locais são espaços legítimos de produção e divulgação do conhecimento.

𝑉𝑉 Atividade Final

Escolha um anúncio publicitário veiculado pela Internet, descreva-o (o que ele está vendendo ou divulgando, suas cores, personagens, ambientes em que se realiza, etc.) e faça uma análise do mesmo a partir das seguintes questões:

- 1) A que público se dirige?
- 2) Que significados está transmitindo?
- 3) Quem está apresentado o anúncio?
- 4) Quais representações culturais o anúncio está produzindo?

Para a disponibilização de seu material e a forma de realização desta atividade seguirão orientações futuras pelo professor responsável.



ANÁLISES DE LINGUAGENS CULTURAIS

Objetivos da Unidade:

Ao final desta unidade, esperamos que você seja capaz de:

- contextualizar os artefatos culturais como produtores de indetidades dos sujeitos;
- discutir a noção de Pedagogia Cultural;
- analisar a proposta da Pedagogia da diferença.

Introdução

No decorrer desta unidade estaremos estabelecendo uma discussão em torno da relação dos artefatos culturais e da pedagogia cultural na produção das identidades dos sujeitos, sejam eles crianças, adolescentes, jovens e adultos. Também estaremos discutindo de que forma a mídia contribui para instituir

uma forma de ser homem e mulher na sociedade atual. Assim, passamos a estabelecer uma metodologia em que a primeira parte encontra-se articulada em sua discussão, abrindo somente uma observação, de certa forma particular para, a contextualização da Pedagogia da Diferença.

Análise de artefatos culturais e Pedagogia Cultural

A idéia de trazer para essa unidade as estratégias de análise de alguns artefatos culturais nos coloca, em primeiro lugar, assentados num campo teórico denominado Estudos Culturais e, em segundo lugar, em contato com inúmeros artefatos culturais, entre eles, o cinema, a televisão, a imprensa escrita, a propaganda, como produtivas formas de pesquisa e debate. Os estudos feministas, os estudos sobre o racismo e as polêmicas interdisciplinares a respeito da construção social da sexualidade são algumas das arenas da política cultural que tiveram maior visibilidade nesse campo de estudo.

As análises culturais, praticadas nos Estudos Culturais

(...) ganham importância por darem visibilidade a aspectos e relações não referidas em análises tradicionais, como as que tratam, por exemplo, das negociações ocorridas no cotidiano dos sujeitos, as quais têm, [...] inegável efeito e influência em suas vidas (WORTAMANN, 2002, p. 76).

Cabe afirmar que, o compromisso dessas análises está em examinar as práticas culturais a partir de seu envolvimento com e no jogo das relações de poder. Nesse sentido, tais análises podem ser configuradas como formas interessadas em lidar com práticas e produtos da cultura.

Nessa perspectiva, examinar determinados produtos culturais (televisão publicidade, livros de ficção, filmes, exposições de museus, entre ouros) é significá-los no campo da educação ou, melhor, é relacionar a pedagogia como uma

forma de política cultural. Segundo Silva (1999, p. 139), "tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também tem uma 'pedagogia', também ensinam alguma coisa". É a partir dessa compreensão que podemos vislumbrar investigações que atendam para a pedagogia exercida pela mídia - jornais e revista de circulação diária, propaganda comercial e governamental, filmes, revistas voltadas a um público específico, professores, jovens, etc. - com a intenção de entender que tanto a educação quanto a cultura estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade.

Nesse momento, cabe perguntar quais são os elementos que poderiam estar envolvidos na análise cultural? Talvez, que elementos poderiam falar de relações que assumem uma centralidade na condução das análises culturais, ou seja, a relação entre linguagem, representação e produção de significado.

Hall (2005) coloca que a representação é a produção de significados através da linguagem e que as linguagens são centrais para a cultura, pois são elas que abarcam os valores e os códigos que permitem os diálogos, ou seja, "possibilitam aos sujeitos interpretarem o mundo de maneira mais ou menos parecida a se tornarem membros de uma cultura" (WORTAMANN, 2002, p. 81). A representação está estreitamente associada ao olhar, à visão. De uma forma ou de outra, a questão do olhar,

tal como a representação, tem estado no centro da análise cultural. Segundo Silva (1999, p. 61), "é na representação que o visível se torna dizível".

Da perspectiva da análise cultural, a conexão da visão e da representação com o poder se articula para produzir a alteridade e a identidade. As representações e os significados são expostos radicalmente à história e à mudanca, por isso atuam na constituição das identidades dos sujeitos e dos grupos sociais. Ao assumir tal compreensão nas análises culturais, torna-se central atentar para o modo como discurso constrói determinadas versões de mundo e para o modo como ele (o discurso) posiciona os indivíduos em relações de poder. Para isso, quando da realização das análises, é importante "penetrar nas linguagens e garimpar os significados em uma multiplicidade de histórias e textos" (WORTAMANN, 2002, p. 82).

Muitas pesquisas já foram desenvolvidas a partir de análises de diferentes artefatos culturais. Entre elas, podemos destacar as investigações realizadas em torno da construção discursiva do corpo e das práticas que os instituem de diferentes modos e formas, ou seja, de que forma se vem disciplinando, governando e ordenando os corpos dos sujeitos em função da cor da pele, beleza, saúde, nacionalidade, etnia, religião, sexo, etc., Em outras palavras, a forma como as representações de corpo, beleza, veiculadas por propagandas publicitárias, vem produzindo determinadas identidades de sujeitos e os posicionando no mundo.



Figura C.1: Mídia ensinando um jeito de ser mulher

Outras formas pela qual a mídia vem ensinando posturas podem ser lidas nas análises dos filmes dedicados ao público infantil. Um dos autores que tem voltado sua produção para esse campo de estudos é Henry Giroux. Nela, ele problematiza "a suposta inocência e o caráter aparentemente inofensivo e até benigno das produções culturais da poderosa Disney para o público infantil" (SILVA, 1999, p. 141). As histórias da Pequena Sereia e Aladim, segundo Giroux (1995), por exemplo, estão carregadas de pressupostos em que a cultura ocidental e a heterossexualidade são colocadas como norma, portanto, moldam as identidades infantis e juvenis de forma bem particular.

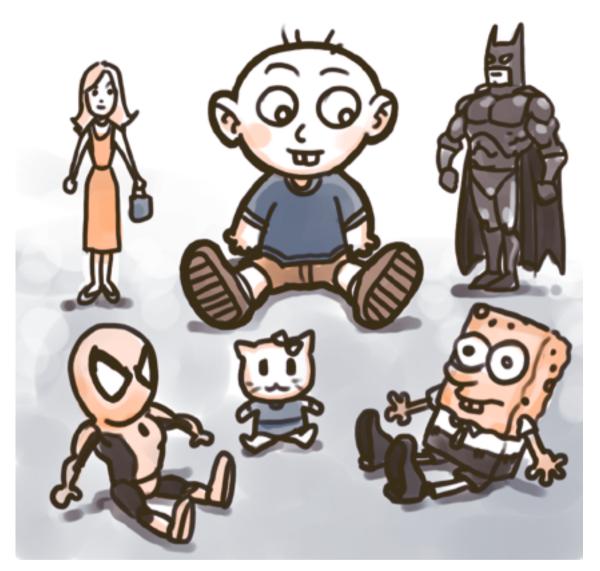


Figura C.2: Construção das identidades infantis por meio da mídia

Através dos anúncios publicitários, podemos perceber como os conhecimentos utilizados acabam se transformando em significantes.

A cultura interage com a natureza através de um processo de significação onde o natural pode assumir diversos significados como: beleza, aventura, perigo, perfeição, etc., além da garantia da salubridade/ sanidade de um produto (AMARAL, 2000, p. 159).

No anúncio publicitário do Leite Parmalat

analisado pela autora Amaral (2000) pode-se perceber a representação dessa publicidade no contexto natural. Entendendo o natural como aquilo que é aceito, desejado e aprovado pela sociedade, apontando a natureza como representando o que é bom, perfeito, sendo que este natural passa a ser o significado conferido a cultura pela natureza.



Figura C.3: Naturalização de um produto a partir de um informe publicitário

Você Sabia?

Os filmes analisados pela autora que mencionamos nessa unidade são: O Substituto, Mentes Perigosas, Escola da Desordem e Curso de Férias. Esses são filmes comerciais disponibilizados em locadoras. Essa mesma forma de análise pode ser feita em relação aos filmes produzidos por Holywood. A pesquisadora Fabris (2000), ao utilizar como objeto de pesquisa filmes voltados para público jovem, mostra como eles são utilizados como "modelo" para famílias e escolas, como forma de compreender ou se relacionar com esses jovens estudantes. Nesse sentido, os filmes analisados pela autora criam representações sobre o "ser adolescente" que

contribuem na produção da identidade adolescente.

Segundo Fabris (2000, p. 272), "os/as adolescentes do filme O substituto são jovens que estão envolvidos no tráfico de drogas, em violência e em liberdade sexual. Em todos esses filmes analisados, a linguagem adolescente é marcada por palavrões e gestos obscenos". Isso evidencia um modelo esteriotipado de jovens que atuam sempre em turma e integram um

mundo de contravenção. Portanto, "os/as alunos/as dos filmes hollywoodianos são adolescentes, apresentados como bagunceiros,

violentos, pertencentes a gangues, e, além disso, são desorientados e têm muitos problemas" (FABRIS, 2000, p. 278).



Figura C.4: Adolescência a partir de filmes

Diante de muitas possibilidades de análise cultural, podemos pensar o quanto esses espaços são produtivos para se repensar as representações acerca das comunidades, identidades, etnias e subjetividades que fogem ao projeto de homogeneização. Além disso,

essas problematizações são necessárias para nos interrogramos sobre as diferenças na sala de aula e sobre as representações que fazemos, sobre o sentido do termo diferença. Portanto, uma pedagogia da diferença não pode ficar alheia a essas interrogantes.

2 Pedagogia da diferença

Burbules & Rice (1993) apontam para a noção de diferença, abordada por Derrida. Segundo os autores acima, Derrida trabalhou com o termo différance para iniciar uma espécie diferente de diferença:

A différance é uma estrutura e um movimento não mais concebidos na base da oposição presença/ ausência. A différance é um jogo sistemático da diferença, dos traços de diferença, do espaçamento por meio do qual os elementos são relacionados entre si. Este espaçamento é simultaneamente ativo e passivo, feito da produção sem intervalos os quais os termos plenos não significariam, não funcionariam (apud BURBULES & RICE, 1993, p.182).

Tentando interpretada o conceito sob o domínio das teorias sociais e relacionando com as questões das diferenças culturais, podemos entender, por exemplo, no campo da educação de surdos, que a surdez, enquanto uma diferença, nega a atribuição puramente externa de ser surdo e alguma característica marcante: o fato de não ouvirem. Neste contexto, a diferença não é entendida como oposição: diferenças são sempre diferenças, que se constituem num processo ativo de identificação

e produção de subjetividade.

Para o entendimento dessa problematização, convém assinalar, nesse momento, a distinção entre os termos "diferença" e "diversidade". Recorremos, num primeiro momento, a um dos instrumentos fundamentais, quando se trata de entender palavras, o dicionário. Segundo o dicionário Houaiss (2001), "diferença" significa "qualidade do que é diferente; o que distingue uma coisa de outra; falta de igualdade ou de semelhanca; característica do que é vário"; e "diversidade" é a "qualidade daquilo que é diverso, diferente, variado; variedade; conjunto variado; multiplicidade; desacordo, contradição, oposição". Analisando essas primeiras noções, parece haver um consenso entre "diferença" e "diversidade", ambas fazem parte de um mecanismo comum que coloca na mesma rede discursiva seus significados, ou seja, "diferença e diversidade permitem-nos distinguir o outro do um, o outro do mesmo. Quer dizer que o diferente ou diverso é o contrário do idêntico" (FERRE, 2001, p. 195).

Percebe-se que esse consenso é chave para entender os discursos da igualdade, tolerância e solidariedade produzidos pelas políticas públicas. Mas será que essas definições tão precisas não mereciam um outro olhar, ou uma (re)volta desse olhar? Os apelos ao respeito às diferenças e às diversidades dos sujeitos, como atributos que marcam aquilo que "distingue uma

coisa da outra", como uma característica daquilo que está em "desacordo", em "contradição", não estariam novamente marcando os cânones da normalidade? Ou seja, marcando o que deve ser corrente, habitual, correto e normal em cada um de nós?

É possível que sim, pois, novamente, o que se vislumbra nessa sinonímia diferenca/

diversidade nada mais é do que o estabelecimento de uma medida comum, de um padrão de comparabilidade que permite continuar traçando a fronteira entre situações designadas como normais e anormais, mas talvez agora por uma estratégia mais astuta, mais refinada - a do deslocamento constante dessa fronteira. Em outras palavras, não basta simplesmente anular ou excluir o anormal, o que é preciso é tornar visíveis as linhas de fronteira que

fazem com que esses sujeitos deslizem pelos limiares entre a anormalidade e a normalidade, pois clareando-as fica mais fácil capturá-los e, assim, corrigi-los. É justamente o ato de "obscurecer e eclipsar as linhas fronteiras" que faz com que algumas pessoas se tornem, perante a norma, um problema. Portanto, dependendo da situação e do momento, algumas fronteiras devem ser mais vistas que outras (BAUMAN, 1998).

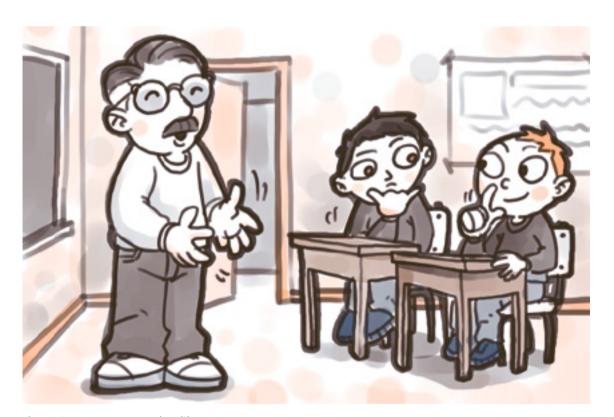


Figura C.5: Representação das diferenças

Nesse sentido, é importante ressaltar que o conceito de diferença deve ser tomado como uma política de significação. Ao percebe-lo assim, distancia-se da noção de diversidade que vê a diferença como uma "obviedade cultural",

"uma marca de pluralidade". O olhar dedicado às diferenças pelo véu da diversidade as vê enquanto falhas por trabalharem com o intuito de selar as lacunas da diferença (MCLAREN, 1997).

Não interpretar as diferenças com oposições significa entendê-las a partir do conhecimento de Ebert "a diferença não é 'obviedade cultural', tal como: negro versus branco ou latino versus europeu ou anglo-americano; em vez disso, as diferenças são construções históricas" (apud MCLERAN, 1997, p. 79). Portanto, ser surdo não é o oposto de ser ouvinte; não é nessa lógica binária que discutimos e pensamos uma educação multicutural para os surdos.

A interface com outras discussões, outros textos, outros autores nos permite trazer a questão da diferença para o campo da Educação Especial e lancar um novo olhar para a educação de surdos e, portanto, reinterpretar nossas narrativas e representações acerca do "ser surdo". Por exemplo, ao nos aproximar de temas sobre identidades, diferenças, é possível perceber que o "ser surdo" ultrapassa as características de uma identidade hegemônica, essencializada, construída através de alguns tracos comuns, únicos e universais. Falar em identidade surda é referir-se a uma identidade constituída num processo histórico, é vê-la como algo incompleto que está sempre em construção.

A possibilidade de trabalhar com as idéias de uma pedagogia para a diferença, permitenos optar pelo caminho em que a surdez é vista como uma diferença política e uma experiência visual e, assim, pensarmos as identidades surdas a partir do conceito de diferença, e não de deficiência. Aqui implica distanciarmo-nos do conceito de diferença como exclusão, marginalização daqueles considerados como "outros" aqueles que parecem estar "fora do lugar". No entanto, devemos considerar que a diferença vem sendo interpretada historica-

mente, através do discurso da diversidade, da variedade e também da deficiência.



Figura C.6: Idéia da exclusão pela deficiência. Quando a diferença se torna deficiência

Essas discussões nos permitem pensar na possibilidade de uma pedagogia para as diferenças, na qual as culturas que fazem parte desse contexto podem ser traduzidas como "identidades de fronteira". Essas identidades são entendidas como:

Espaços intersubjetivos de tradução cultural - espaços lingüísticos multivalentes de diálogo intercultural, espaços onde pode-se encontrar uma sobreposição de códigos, uma multiplicidade de posições de sujeito inscritas culturalmente, um deslocamento dos códigos de referencia normativos e uma montagem polivalente de novos significados culturais. (MCLAREN, 1997, p. 147).

A possibilidade de os estudantes viverem num espaço de fronteira é a de viver uma experiência anticentadora, à medida em que o espaço escolar seja constantemente modificado. Neste espaço descentralizado, torna-se possível questionar, interrogar e historicizar as diferenças, sem pensar numa sobreposição ou uma superação de uma sobre a outra. A questão incide em levantar os interrogantes que levaram as histórias, culturas e identidades dos grupos considerados marginalizados a assumirem uma relação subordinada na configuração escolar existente. O que acontece é uma negociação diária, que depende das relações de poder e do momento em que, como, por quem, para quem elas estão sendo utilizadas.

Sabemos o quanto a cultura majoritária apodera-se do direito de representar os outros, a alteridade deficiente, tornando-os uma categoria dependente da representação do sujeito normal, assumindo sempre a posição gramatical do ele, nunca do eu ou do tu. Talvez esta relação possa ser entendida através da analogia com a cultura branca, enquanto uma norma invisível.

Os grupos dominantes sempre vão querer ocupar a posição de poder gramatical; isto é, assumir o papel externo, objetivo e de julgamento do ele sugerindo que uso o que eles fazem da língua é livre de preconceito (...) Por exemplo, oposições binárias [sic] tais como [sic] "brancos em oposição a nãobrancos" sempre ocupam a posição gramatical do ele nunca do eu ou do tu, e sabemos que, na cultura branca, a branquidade irá prevalecer e continuará sendo parasítica do significado de negritude (MCLAREN, 1997, p.137).

Neste sentido, fica claro a existência de uma norma cultural neutra e universal que possibilita que o "outro" seja instrumento de manipulação das práticas colonialistas. Estas considerações podem ser entendidas e aceitas na idéia de um multiculturalismo conservador, que se posiciona a favor de uma cultura comum que vê na "branquidade", por exemplo, uma norma na qual outras etnias e outras culturas são julgadas.



Figura C.7: Supremacia da cultura branca ocidental

As diferenças, quando elas falam sobre si mesmas - e não quando o discurso hegemônico fala por elas -, podem gerar um certo tipo de contramemória em torno do conhecimento oficial e, claro está, poderiam originar também uma denúncia e uma crítica sobre a educação tradicional. As questões ligadas a raça, gênero, etnia, sexualidade, idade, linguagem etc. constituem hoje a matriz na qual assentam-se as bases para uma discussão educacional que provoque uma ruptura com as tradições de normalização, homogeneidade e identidades subalternas (SKLIAR, 2001).

POSITION Atividade Final

A partir do que foi discutido nessa unidade, leia o capítulo 6 "Natureza e representação na pedagogia da publicidade, de Marise Basso Amaral, do livro COSTA, Marisa Vorraber (org). Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema....-Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. (disponível na Biblioteca do Pólo). Depois de ter feito a leitura, selecione uma das propagandas analisadas pela autora e faça um comentário crítico relacionando-a com as questões discutidas nessa unidade. Encaminhe a atividade conforme orientação do professor da disciplina.

Referências

Referências Bibliográficas

AMARAL, Marise Basso. **Natureza e Representação na Pedagogia da Publicidade.** In: COSTA, Marisa

Vorraber (Org). Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto

Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BURBULES, Nicholas C., RICE, Suzane. **Diálogo entre as diferenças:** continuando a conversação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org) Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, p. 173-204.

COSTA, Marisa Vorraber. **Estudos Culturais** - para além das fronteiras disciplinares. In: _____ (Org). Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

_____. Mídia, Magistério e Política Cultural. In: _____ (Org). **Estudos Culturais em educação:** mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

FABRIS, Eli H. **Hollywood e a produção de sentidos sobre os estudantes**. In COSTA, Marisa Vorraber. (Org). Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema..-Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 257-286.

FERNANDES, Eulália. **Linguagem e Surdez**. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

FERRE, Núria Perez de Lara. **Identidade, diferença e diversidade:** manter viva a pergunta. In: LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos (Orgs.). Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 195-210.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

GIROUX, Henry. **Memória e pedagogia nom maravilhoso mundo da Disney.** In: SILVA, Tomaz T. (Org). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Rio de Janeiro: 1995. p.132-158.

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-modernidade.** Trad. SILVA, Tomaz Tadeu da; LOURO, Guacira Lopes. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Da Diáspora:** identidades e mediações Culturais. Trad. RESENDE, Adelaine La Guardia [et all]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

HOUAISS. **Dicionário eletrônico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico.** São Paulo: Editora Cortez, 1997.

MOREIRA, Antonio F.; SILVA, Tomaz T. **Currículo, cultura e sociedade.** Editora Cortez: 2002.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e Filosofia da Diferença:** uma introdução. (Trad.) Tomaz Tadeu da
Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral.** 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

SCHMIDT, Sarai. De olho na mídia. In: VEIGA-NETO, Alfredo e SCHMIDT, Sarai. **A educação em tempos de globalização.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.61-64

SABAT, Ruth. Relações de genro na mídia. In: VEIGA-NETO, Alfredo e SCHMIDT, Sarai. **A educação em tempos de globalização.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.65-68.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O Currículo como Fetiche a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Documentos de Identidade uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. (Org.) **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SKLIAR, Carlos. **Os Estudos Surdos em Educação:** problematizando a normalidade . In: SKLIAR, Carlos. (Org.) A surdez um olhar sobre as diferenças. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

____. Pluralismo X norma ideal. In: VEIGA-NETO,
Alfredo e SCHMIDT, Sarai. **A educação em tempos de globalização.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.21-

____. Pedagogia (Improvável) da Diferença e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A., 2003.

THOMA, Adriana da Silva., LOPES, Maura Corcini. (Orgs.) **A Invenção da Surdez:** cultura, alteridade e diferença no campo da Educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC,2004. p.56-69.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Michel Foucault e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 07-72.

WORTMANN, Maria Lucia C. **Analises Culturais** - um modo de lidar com historias que interessam a educação. In: COSTA, Marisa Vorraber. Caminhos Investigativos II - outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 73-92.

Sites Relacionados

http://www.comciencia.br/resenhas/2004/09/resenha1.htm

http://www.espacoacademico.com.br/043/ 43damasio.htm

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2004000200007&lng=en&nrm=iso

http://www.ufrgs.br/neccso